

## RECORDAÇÕES DE ANGÉLICA

VERA LUCIA VIEIRA\*

A morte de Angélica expressa para mim a perda de uma parte de minha própria história desde que nos encontramos pela primeira vez nos corredores do antigo Sedes Sapientiae e depois na USP. Embora ela fosse de uma turma anterior à minha na graduação, fizemos juntas os cursos obrigatórios de pós-graduação em História naquela Universidade e tínhamos em comum o mesmo orientador. Desde aquele momento nossa condição de “estrangeiros” nos aproximou e, juntamente com José Sebe Bom Meyer, formamos um trio que, conforme ela mesma gostava de dizer, tinha nesta característica uma identidade comum. Estrangeiros porque ela advinha do Paraguai, eu do interior paulista, de uma comunidade formada por imigrantes italianos, árabes e espanhóis. E Sebe era sefaradin. Outra coisa que nos unia era o pouco dinheiro para comprar os livros e para pagar as despesas com a pesquisa, em uma época em que o acesso à documentação era dificultado não apenas pela falta de organização dos Arquivos, mas porque tudo tinha que ser transcrito manualmente, o que nos consumia um tempo enorme, além de ficar inviável porque tínhamos que trabalhar para sobreviver. Contávamos com bolsas de estudos e quem possuía a casa mais organizada para as reuniões de estudos era Angélica que morava com os pais.

Desta convivência estudantil era possível vislumbrar o que significava ser latino americano em um país que se vê como europeu e que olha para seus irmãos do continente com preconceito e menosprezo. Nesta condição Angélica era mais “estrangeira” do que

---

\* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e docente da PUC-SP. E-mail: <vevivevi.vieira@gmail.com>.

eu. Mas ela tinha uma história para mim, fascinante e espero que seu filho a retenha para contar a seus netos. Não sei se tudo que me lembro eram fatos reais, ou se são parte de um imaginário que fui construindo ante as evidências extraídas de discussões familiares que Angélica procurava situar rapidamente a título de justificar a contenda que ouvíamos de forma invasiva.

Não se assuste o leitor, não se trata de devassar aspectos da intimidade familiar de minha colega e tomo a liberdade de rememorar estes fatos, não só porque a eles já havia me referido ao dialogar com Angélica sobre a Independência do Paraguai, no encontro organizado pelo Núcleo Cultural Guaraní Paraguay Teete, do qual ela era uma das coordenadoras, juntamente com o Centro de Estudos de História da América Latina (CEHAL). Na ocasião ela me disse que, um dia, iria recuperar esta história que lhe deixara tantas marcas e que a impulsionava agora em sua luta pela unificação dos paraguaios sediados no Brasil e pelo próprio Paraguai.

Seu pai integrava, conforme rememoram outras colegas de Angélica, o movimento Febrerista, quando Strossner assumiu o poder e instaurou uma das mais longas ditaduras conhecidas na América Latina. Embora fosse parte integrante do grupo de profissionais liberais paraguaios, diferentemente das oligarquias rurais e da frágil burguesia urbana que se respaldou nas forças armadas para continuar a fazer valer seus interesses privados ante um possível acirramento das lutas de classes decorrente da etapa de desenvolvimento capitalista experimentado pelo Paraguai naquele momento; o pai de Angélica optou pelo Febrerismo.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Agradeço as informações recebidas de Cristina Prado, ex-aluna da PUC-SP e também colega de Angélica. Por seu intermédio pude obter informações advindas diretamente de paraguaios com os quais ela possui relações familiares, os quais, por sua vez, conheceram o pai de Angélica.

Esse partido tem seu nome originário em um movimento popular, que emerge em 1936 logo após a guerra do Chaco e que reuniu cerca de 126.000 mil pessoas de todas as classes sociais, levando ao poder o presidente Franco.

O Partido Febrerista lutou contra a ditadura de Strossner desde sua instauração em 1954 até seu término em 1988. Em fins de 1960 juntamente com o grupo guerrilheiro 14 de Mayo tentaram derrubar a ditadura.

A família de Angélica vem para o Brasil ainda na década de 1950, deixando no Paraguai todo o patrimônio material que possuíam e se afastando do núcleo familiar, tão caro para todo paraguaio. Além disto, vêm para conviver, no Brasil, com uma outra ditadura que mantinha laços muito estreitos com Strossner. O medo rondou, assim, a vida cotidiana de Angélica e provocava tensões familiares que ela contornava com a fleuma que só possuem os que sentem de perto os limites da segurança ante um poder ditatorial, e que contornava explicando rapidamente o contexto que os gerava.

Isso expressa bem a condição de exílio de inúmeros paraguaios, do qual a família de Angélica era parte integrante, e também o fato de que a primeira convenção do Partido Febrerista realizada em solo paraguaio só acontece em 1970. Da citada convenção é lançado um panfleto com denúncias contra a ditadura, inclusive sobre a construção da Usina de Itaipu que servia de ponte também para a repressão encetada pelos dois países.

O pai de Angélica volta para o Paraguai no início da década de 1980, exatamente quando se forma a coalisão política que resultará no Acordo Nacional contra a autocracia strossnista.

Angélica, já inserida na vida acadêmica puquiãna permanece no Brasil, por opção pessoal e sem maiores vínculos do que os estabelecidos com amigos cuja relação fora construída ao longo de sua vida,

pois só viria a se casar com Arnaldo tempos depois. Nesta condição ela reproduz aqui o que é tão caro para os paraguaios: o atuar na comunidade, pelo coletivo, que se transformou em sua segunda família, juntamente com o marido e o filho e, recentemente, com o Núcleo Cultural Guaraní Paraguay Teete através do qual intentava contribuir para ampliar as relações culturais entre o Brasil e o Paraguai.